

Recebido em nov. 2013
Aprovado em dez. 2013

**FILOSOFIA E POESIA NO PROJETO ROMÂNTICO DE
FRIEDRICH SCHLEGEL**

SÍLVIA FAUSTINO DE ASSIS SAES *

RESUMO

No ensaio “Poesia e Filosofia: uma transa”, ao distinguir três relações possíveis entre filosofia e poesia – disciplinar, supradisciplinar e transacional – Benedito Nunes considera “os primeiros românticos alemães” como ilustres representantes da relação supradisciplinar. Tomando por base os fragmentos publicados em vida por Friedrich Schlegel, o objetivo do presente artigo consiste em investigar até que ponto suas concepções sobre as relações entre filosofia e poesia se ajustam à proposta interpretativa de Benedito Nunes.

PALAVRAS-CHAVE

Friedrich Schlegel. Romantismo. Benedito Nunes. Filosofia. Poesia.

* Doutora em Filosofia. Professora na UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA).

ABSTRACT

In his essay ‘Poesia e Filosofia: uma transa’ (‘Poetry and Philosophy: An Intercourse’), Benedito Nunes identifies three possible modes of relationship between philosophy and poetry – disciplinary, supradisciplinary and transactional – and sees ‘the first German romantics’ as eminent representatives of the supradisciplinary relationship. On the basis of the fragments Friedrich Schlegel published during his lifetime, the present paper wishes to ascertain the measure in which Schlegel’s views on the relationship between philosophy and poetry are consistent with Benedito Nunes’ interpretive project.

KEYWORDS

Friedrich Schlegel. Romanticism. Benedito Nunes. Philosophy. Poetry.

Dentre as ideias programáticas originais do “primeiro romantismo alemão” (*Frühromantik*), a que propõe uma unificação entre filosofia e poesia tem uma dupla relevância: além de estar na base do projeto romântico, ela se inscreve na questão mais geral de saber até que ponto o discurso filosófico pode, por si só, expressar as múltiplas faces da racionalidade humana. Quando lembra que a Razão e a filosofia nascem juntas, na Grécia, “já em crise” – um pouco “como se o verme fosse co-natural à maçã” – Bento Prado Jr. também afirma que, em muitos autores, a crise contemporânea da razão é tributária de certos argumentos da Razão moderna que buscou exorcizar “o seu *Outro*”, isto é, o erro, a ilusão e a loucura ¹. Ora, a proposta romântica de unir filosofia e poesia foi (e ainda é) confundida com a defesa de uma espécie de “irracionalismo”, quando, na verdade, ela consiste em expressão filosófica radical e aguda da própria crise moderna da razão. Uma proposta que, em vez de simplesmente promover a união da Razão com o seu *Outro*, almeja, isso sim, superar essa dicotomia, e encontrar um modo de representação mais integral e fiel da nossa própria humanidade.

Em seu pioneiro ensaio “Poesia e Filosofia: uma transa”, ao distinguir três tipos de relações entre filosofia e poesia – disciplinar, supradisciplinar e transacional – Benedito Nunes considera “os primeiros românticos alemães” como representantes do “segundo tipo de relação” ². O

¹ PRADO JR, Bento. *Erro, ilusão, loucura*. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 23 e 26.

² NUNES, Benedito. *Ensaio Filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 7.

objetivo primeiro deste artigo consiste em mostrar que as relações entre filosofia e poesia, tal como se encontram expostas nos fragmentos publicados em vida por Friedrich Schlegel, podem ser vistas como ajustadas também ao terceiro tipo de relação designada pelo filósofo brasileiro. Pretende-se, além disso, explicitar o sentido de dizer que, para Friedrich Schlegel, a poesia possui um poder superior de expressão em relação à filosofia. Antes de mais nada, é importante enfatizar a crucial diferença entre o escopo teórico do ensaio de Benedito Nunes e o que aqui será apresentado, tendo em vista esses objetivos. Enquanto ele considera o movimento romântico de um ponto de vista abrangente – incluindo Novalis, Schelling, representantes ingleses, bem como filósofos de outras épocas e nacionalidades – este trabalho, que se restringe ao pensamento de Friedrich Schlegel, tomará como base textual de investigação os três grupos de fragmentos publicados nas revistas *Lyceum der schönen Künste* (Liceu das Belas artes) e *Athenäum*, além da última série de fragmentos que Friedrich Schlegel denominou de *Ideias*³. Após uma exposição sumária da visão de Benedito Nunes (parte I), seguem-se análises de uma seleção de fragmentos do *Lyceum* e do *Athenäum*, que são fundamentais para compreender a relação entre

³ Os fragmentos foram publicados nas revistas *Lyceum der schönen Künste* (em 1797) e *Athenäum* (em 1798), onde também foi publicada a última série de fragmentos, que F. Schlegel preferiu chamar de *Ideen* (em 1800). Todo esse material encontra-se traduzido em português, na edição intitulada *O dialeto dos fragmentos*, com tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1997. Essa tradução será utilizada em todas as nossas citações.

filosofia e poesia (parte II) e, por fim, o cotejo das referidas análises com a interpretação de Benedito Nunes, que envolverá também a introdução da religião nas relações entre poesia e filosofia, nas *Ideias* (parte III).

I

Benedito Nunes identifica três tipos de relações entre filosofia e poesia: disciplinar, supradisciplinar e transacional. A *relação disciplinar*, que se caracteriza por uma visão amplamente difundida do ponto de vista da história das ideias é, segundo ele, aquela na qual a filosofia toma a poesia como “objeto de investigação” e de conceituação, procurando “determinar-lhe a essência”⁴. Na relação disciplinar, poesia e filosofia são tomadas como “unicidades separadas” ou “diferentes universos de discursos”. A filosofia pertence ao “domínio do entendimento, da razão e do conhecimento do real”, enquanto a poesia pertence ao “domínio da criação verbal, da fantasia, do imaginário”. Além da separação entre os domínios, a relação disciplinar caracteriza-se como “unilateral”: a filosofia é posta “acima da poesia” pela superioridade do “conhecimento conceitual”, o que também justifica o fato de poder explicá-la⁵. Benedito Nunes deixa claro que reconstitui, neste ponto, o raciocínio próprio de Hegel, que ilustra a “súmula da tradição clássica”, iniciada por Platão, e destinada a consagrar a superioridade hierárquica do filosófico sobre o poético⁶. Para Benedito

⁴ NUNES, Benedito. *Ensaio Filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 3.

⁵ *Ibid.*, p. 3.

⁶ *Ibid.*, p. 4.

Nunes, Hegel “homologa a decisão platônica” quando entende que a poesia é superada pela filosofia na escalada ascensional do espírito, e é nesse sentido que “a estética hegeliana celebra, portanto, a final vitória da filosofia sobre a poesia”⁷. Na relação disciplinar, a poesia é inferior à filosofia.

A relação *supra* ou *extradisciplinar* é justamente aquela representada pelos “primeiros românticos alemães”, que defenderam “a incorporação mútua das duas disciplinas, de tal modo que uma fecundasse a outra”⁸. As expressões “extra”, “supra” ou mesmo “trans” disciplinar são utilizadas para ressaltar que o encontro se dá fora, acima ou além das próprias disciplinas. Graças ao entendimento do gênio como uma figura capaz de estar à frente da produção poética e filosófica, e devido também aos conceitos de “reflexividade do eu”, “poesia universal progressiva” e, sobretudo, de “intuição intelectual”, os românticos puderam, segundo Benedito Nunes, promover a união entre filosofia e poesia. A seu ver, na intuição intelectual está a própria “base” em que se assenta “o dever” dessa união. O nexa entre filosofia e poesia justifica um “gênero misto” de criação verbal, do qual podem surgir “obras de mão dupla, poéticas sob um aspecto e filosóficas por outro”; por esse motivo, os românticos tentam “legitimar produtos híbridos: filosofia poética e poesia filosófica, poetas-filósofos e filósofos-poetas”⁹. Ele lembra a frase de Novalis “quanto mais poético,

⁷ Ibid., p. 6.

⁸ Ibid., p. 7.

⁹ Ibid., p. 8-9.

mais verdadeiro”, para referir-se a uma “verdade superior” à da ciência e da filosofia, que o romantismo buscava. No ponto exato dessa consideração sobre a relação extra- disciplinar, Benedito Nunes declara que nela se opera uma “inversão”: a poesia é considerada como superior à filosofia e à ciência. Mas, diz também que, para os românticos, “o filosófico é imanente ao poético e vice-versa”, no sentido em que “um corre para o outro, como rios confluentes”¹⁰. Além dos primeiros românticos, entre outros autores que representam esse tipo de relação, há menção aos pré-socráticos (que escrevem em versos ou em aforismos), a Platão (que recorre às alegorias), e a Nietzsche, assim como à *Divina Comédia*, de Dante, e ao *Fausto*, de Goethe.

A *relação transacional* é ilustrada por uma “inteligência que combinaria o intuitivo com o conceptual de forma imprevisível” e que, em vez de designar uma entidade pessoal, deve ser tomada como “centro de transação, de passagem” de uma disciplina para a outra. A relação transacional se caracteriza pelo seguinte:

É o movimento de ir de uma a outra, portanto separadas, cada qual na sua própria identidade, sem que cada qual esteja acima ou abaixo de sua parceira, numa posição de superioridade ou inferioridade do ponto de vista do conhecimento alcançado ou verdade divisada, que constitui aqui o essencial. Se vamos de uma para a outra, quer isso dizer que elas não são contíguas, mas que, guardando distância, podem aproximar-se entre si. A relação transacional é uma relação de proximidade

¹⁰ Ibid., p. 10.

na distância. A filosofia não deixa de ser filosofia tornando-se poética nem a poesia deixa de ser poesia tornando-se filosófica. Uma polariza a outra sem assimilação transformadora.¹¹

Nesta proposta, filosofia e poesia mantêm-se separadas, sem relação hierárquica e sem perda das respectivas especificidades ao serem postas em relação. Na explicitação dessa última relação, Benedito Nunes dá ênfase crucial à “linguagem” que ele considera como “o meio transacional do relacionamento entre o filosófico e o poético”. No seu entender, Heidegger, Ricoeur e Wittgenstein representariam, na contemporaneidade, esse tipo de relação, uma vez que eles oferecem diferentes respostas à questão de saber qual “verdade essencial” as obras poéticas fariam ao filósofo. De modo bem resumido, sua posição é a seguinte: para Heidegger, a poesia e a arte revelam a verdade do ser, tornando-a visível ou audível, sendo esse o sentido de dizer que o filósofo se faz poeta e o poeta profetiza; para Ricoeur, o texto literário devolve ao leitor o mundo de sua experiência pré-teórica, e nesse caso o filósofo já não é mais um poeta, mas um hermeneuta da ficção. Para Wittgenstein (certamente, o “primeiro”), a poesia, como indizível, pode *mostrar* aquilo que a linguagem dos fatos não pode *dizer*: o ético, o religioso, o metafísico, o místico, o inefável. Nesses três autores, diz Benedito Nunes, a filosofia transa com a poesia.

¹¹ Ibid., p. 13.

II

Tomando como base os fragmentos publicados em vida por Friedrich Schlegel, Márcio Seligmann-Silva avalia que há uma “clara *evolução*” no seu pensamento ¹². Essa evolução abrange o período que vai de 1797 a 1800, em que foram publicados os fragmentos do *Lyceum* (1797), do *Athenäum* (1798) e a última série de “fragmentos”, que Schlegel preferiu chamar de *Ideias* (1800). O significado dessa “evolução”, segundo esse mesmo autor, consiste em que, nas *Ideias*, Friedrich Schlegel passa a adotar uma “espécie pouco produtiva de misticismo”, que pode ser reconhecida nas tentativas teóricas de elaborar o conceito de uma “nova *religião*”. O que talvez não tenha se realizado em teoria, acaba se concretizando na prática, em 1808, quando ele se converte ao catolicismo ¹³. Suas concepções acerca das relações entre filosofia e poesia também se alteram nesse processo de “evolução”, e a principal mudança está em que, diferentemente da perspectiva argumentativa assumida nos fragmentos críticos do *Lyceum* e do *Athenäum*, nas *Ideias*, as relações entre filosofia e poesia são basicamente pensadas em função da relação que elas mantêm com a religião. Na presente sessão interessam apenas os fragmentos críticos dessa “primeira” fase, anterior às *Ideias*. Seguindo esse recorte, investiguemos os principais traços da união que Friedrich Schlegel propôs entre filosofia e poesia.

¹² SELIGMANN-SILVA, Márcio. Onde começa a poesia. In: *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34. p. 331. (grifos do autor).

¹³ *Ibid.*, p. 332. (grifos do autor).

Talvez o ponto de partida adequado seja o célebre fragmento 116, da revista *Athenäum*, que expressa, de modo claro, o vínculo que nos interessa como uma das grandes “destinações” da poesia romântica:

A poesia romântica é uma poesia universal progressiva. Sua destinação não é apenas reunificar todos os gêneros separados da poesia e pôr a poesia em contato com filosofia e retórica. Quer e deve ora mesclar, ora fundir poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia de arte e poesia de natureza, tornar sociável a poesia e poéticas a vida e a sociedade, poetizar o chiste, preencher e saturar as formas da arte com toda espécie de sólida matéria para cultivo, e as animar pelas pulsações do humor. [...] Os outros gêneros poéticos estão prontos e agora podem ser completamente dissecados. O gênero poético romântico ainda está em devir; sua verdadeira essência é mesmo a de que só pode vir a ser, jamais ser de maneira perfeita e acabada. [...] O gênero poético romântico é o único que é mais do que gênero e é, por assim dizer, a própria poesia: pois, num certo sentido, toda poesia é ou deve ser romântica.¹⁴

A poesia romântica é universal progressiva. Em outro fragmento, a universalidade é definida como “saturação recíproca de todas as formas e todas as matérias”, que só se harmoniza mediante o vínculo de poesia e filosofia¹⁵. A progressividade pode ser

¹⁴ Friedrich Schlegel, *Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe*. Ernst Behler (org.). Munique/Paderborn/Viena/Zurique: FerdinandSchöningh, vol. II, *Athenäum* 116, p. 182.

¹⁵ *Athenäum* 451, KA, II, p. 255.

entendida como uma sucessão, uma continuação, um desenvolvimento gradual, e até mesmo um aumento de intensidade. Num movimento incessante de vir-a-ser, o que é progressivo nunca estará definitivamente pronto e acabado. O “gênero poético romântico” deve, pois, desdobrar-se no tempo, atualizar seus elementos, instaurar novos gêneros, transformar os já existentes, e diluir fronteiras rigidamente traçadas. À poesia romântica pertence o desígnio de reunificar os gêneros separados da poesia (um movimento interno de reunificação) e de pôr a poesia em contato com a filosofia e com a retórica. Só assim ela poderá produzir um abalo na fixidez normativa segundo a qual foram erigidas e mantidas as clássicas divisões do discurso poético e racional.

A poesia romântica quer e deve incorporar uma série de oposições: entre poesia e prosa, entre genialidade e crítica, entre natureza e arte. E para isso deve poder ora mesclar ora fundir os polos opostos. Ora, se uma mescla é uma mistura de elementos que não implica a perda dos seus traços distintivos, uma fusão pode ser pensada como a conformação de uma nova unidade na qual os elementos que a compõem concorrem, com suas diferenças específicas, para a produção do novo. A poesia romântica deve alternar entre a mescla e a fusão dos opostos acima mencionados, cabendo a ela também a intenção e o dever de permear a vida e a sociedade. Na contramão da cristalização dos arranjos entre formas e conteúdos, Friedrich Schlegel vem defender o ideal de que toda “sólida matéria” passível de “cultivo” possa penetrar – “preencher e

saturar” – todas as formas possíveis de expressão. Essa é certamente a razão pela qual os poetas alexandrinos e romanos podem ilustrar o “grande pensamento” de que “tudo deve ser poetizado”: eles são mestres em incorporar “matéria difícil e apoética” às suas obras,¹⁶.

Sui generis, o poético romântico deve integrar-se à dimensão histórica das obras e estar em constante devir, devendo ser “o único que é mais que um gênero”. Diferentemente dos “outros”, que estão “prontos” e podem ser “completamente dissecados”, este está em constante formação, inviabilizando análises que decomponham sua estrutura. Uma análise imposta a algo em construção, que segue a direção de um ideal sempre renovado e repostado adiante no tempo, fatalmente destruirá o sentido da síntese originária. Por superar os limites normativos característicos das divisões clássicas, o gênero romântico confunde-se com a própria essência da poesia: “toda poesia é ou deve ser romântica”. Acusando a esterilidade teórica e prática de sua época, Friedrich Schlegel diagnostica o seguinte estado de coisas: há “muitas *teorias* do gênero poético” sem que haja sequer um “*conceito* de gênero poético”¹⁷. Como essa busca não é meramente teórica, torna-se imperativa uma radical mudança de espírito no interior da própria práxis poética. Além desses aspectos programáticos de caráter mais geral, há outras determinações específicas que ele propõe para a relação entre filosofia e poesia. Passemos a elas.

¹⁶ *Athenäum* 239, KA, II, p. 205.

¹⁷ *Lyceum* 62, KA, II, p. 154 (grifos meus).

Numa de suas mais claras expressões, a proposta de que “poesia e filosofia devem ser unificadas” inclui-se na visão de que toda a história da poesia pode ser vista como um “comentário contínuo” ao “breve texto da filosofia” que afirma: “toda arte deve tornar-se ciência e toda ciência, arte”¹⁸. Nesse contexto, a unificação parece ser pensada como algo que acompanha um processo de dupla metamorfose ou mútua transfiguração das instâncias a serem unificadas. Em outro fragmento, Friedrich Schlegel parece reforçar a mesma ideia quando declara que “quanto mais a poesia se torna ciência, tanto mais também se torna arte”¹⁹. Ora, o que dizer desse tornar-se ciência que, em vez de subtrair, intensifica ainda mais o caráter de arte da poesia? Qual ciência seria tão completamente solidária à natureza da própria arte? No mesmo fragmento, ele indica que tal ciência consiste no “profundo discernimento” que o artista deve ter dos meios, dos fins, dos obstáculos e dos objetos de sua arte. Ao “filosofar sobre sua arte” e tornar-se um “conhecedor”, e não meramente “inventor e trabalhador” do seu ramo, o artista criará condições cada vez mais favoráveis ao seu entrosamento com seus concidadãos. Além de trazer um maior conhecimento da própria arte ao artista, a filosofia pode elevar o seu próprio estatuto de cidadania. Nada disso torna, porém, a filosofia superior à arte, nem faz da filosofia a sua fonte.

A certa altura dos fragmentos do *Lyceum*, Friedrich Schlegel começa dizendo que “querer

¹⁸ *Lyceum* 115, KA, II, p. 161.

¹⁹ *Athenäum* 255, KA, II, p. 208-9.

aprender algo sobre a arte a partir da filosofia” é uma atitude que revela “presunção irrefletida e imodesta”²⁰. O que ele desaprova naqueles que assim procedem é a expectativa de que a filosofia possa proporcionar novas vivências, novas experiências na arte. Contudo, adverte ele, a filosofia *não pode nem deve poder fazer* nada mais que: *i*) tornar ciência as “experiências artísticas dadas” e os “conceitos artísticos existentes”; *ii*) elevar e ampliar a visão artística com o auxílio de uma “história da arte erudita e profunda”; *iii*) e produzir, em relação aos objetos da arte, uma “disposição lógica” capaz de unificar “liberalidade e rigorismo absolutos”²¹. Debruçar-se sobre a arte, para a filosofia, significa tomar como objeto de seu saber experiências e conceitos artísticos historicamente dados; além disso, para cumprir com a tarefa de elevar e ampliar a visão artística, a filosofia deve se valer também de uma história da arte que esteja à altura de tal empreendimento. A única coisa que a filosofia pode “produzir” em relação à arte é uma “disposição lógica”, de caráter muito especial, pela qual certa “liberalidade” do espírito – algo como um olhar espontâneo, generoso e fecundo – possa ser unida ao firme “rigor” de um juízo crítico.

No entender de Friedrich Schlegel, seria muito bem-vinda aos tempos modernos uma “filosofia da poesia” que tivesse, em seu início, os princípios de uma “poética pura”, em seu meio, uma teoria dos gêneros poéticos especificamente modernos, e, no fim – “chave da abóbada” – uma “filosofia do romance”²². No final

²⁰ *Lyceum* 123, KA, II, p. 163.

²¹ *Ibid.*, p. 163. (grifos meus).

²² *Athenäum* 252, KA, II, p. 207.

do denso fragmento que contém tais declarações, a filosofia aparece claramente como uma atividade que se aplica à arte, embora não possa fazer nela entrar ou dela transmitir algo que já não estivesse lá:

Só pode empregar a filosofia sobre um objeto quem conhece ou tem o objeto; só este poderá compreender o que ela pretende e o que ela quer dizer. A filosofia não pode produzir, por inoculação ou por magia, experiências e sentidos. Mas também não o deve querer. Quem já sabia algo, certamente não experimenta nada de novo com ela; no entanto, somente por meio dela esse algo se torna um saber para ele e, portanto, um saber em nova figura ²³.

Uma filosofia da poesia só poderia ser feita por quem conhece ou produz poesia. Pois a filosofia, por si só, não tem poder para fazer entrar poesia num espírito incapaz de experiência poética, nem tampouco introduzir ou forjar sentido poético em uma obra que não o possuía. Por outro lado, por intermédio da filosofia, quem conhece ou comete a poesia pode convertê-la num saber em nova figura. A filosofia pode transformar a poesia em saber filosófico sem tirar a força da essência poética. Entusiasta da arte poética, Friedrich Schlegel afirma que “uma poética poética” [*poetische Poetik*] pode muito bem consistir num dos “desideratos mais importantes” do “idealismo crítico” ²⁴. Ou seja, nesse tipo de filosofia, uma poética surgiria como desdobramento teórico natural, em resposta a uma aspiração conceitual legítima. Mesmo sem

²³ *Ibid.*, p. 207.

²⁴ *Athenäum* 28 KA, II, p. 170.

aprofundar o significado dessa forma de “idealismo crítico” então proposto por Friedrich Schlegel, pode-se notar que o recurso ao adjetivo redundante (*poetische Poetik*) enfatiza a aspiração de uma poética inteiramente concentrada em sua própria natureza e pureza essencial. Ele apela para essa adjetivação pleonástica também quando fala de uma “filosofia que é filosófica”²⁵. Tais observações demonstram que, ao lado da defesa de união entre filosofia e poesia, há sempre o respeito ao caráter específico de suas atividades.

O encontro da filosofia com a poesia, mesmo no período restrito ao que estamos estudando do pensamento de Schlegel, apresenta-se sob múltiplos aspectos, e nas distintas figuras do filósofo e do poeta, ele assume a cada vez uma forma peculiar. Um dos aspectos mais relevantes desse encontro aparece quando ele diz que “o filósofo poetizante, o poeta filosofante, é um profeta”²⁶ ou que “*profeta* é todo filósofo poético e todo poeta filosófico”²⁷. Depreende-se daí, que o gênio dotado para a poesia e para a filosofia possui uma rara disposição profética, que seria como uma aptidão para perceber o sentido histórico de tudo, e pressentir horizontes de sentido em intuições que antecipam os tempos vindouros²⁸. Mas, o poder

²⁵ *Athenäum* 303, KA, II, p. 216.

²⁶ *Athenäum*, 249, KA, II, p. 207.

²⁷ Friedrich Schlegel, *Fragmentezur Poesie und Literatur*, V, 331, p. 112. *Apud Dialetto dos Fragmentos*, p. 194 (nota 141).

²⁸ Conforme Márcio Suzuki, o filósofo poetizante ou o poeta filosofante “tem de ser também historiador ou profeta”, no seu livro *O gênio romântico*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1998. p. 188.

profético não é um denominador comum a uniformizar os gênios, pois ele não age no sentido de degenerar a formação de base: aquele que poetiza não deixa de ser filósofo, e aquele que filosofa não deixa de ser poeta. A comunhão da disposição profética não neutraliza a particularidade da formação de cada um, e assim, contrariamente à impressão ligeira, “filósofo poetizante” e “poeta filosofante” não são sinônimos mutuamente intercambiáveis.

Na linha dessas considerações destaca-se o fragmento do *Athenäum* em que, inspirando-se em Cícero, Friedrich Schlegel enfrenta a questão de saber qual seria, dentre as filosofias, “a mais adequada” ao poeta ²⁹. A resposta é expressa por uma série de negações. A filosofia adequada ao poeta *não* poderia: *i*) contradizer as resoluções do sentimento e do senso comum; *ii*) ou transformar o real em aparência; *iii*) ou promover a abstenção de toda decisão; *iv*) ou impedir o impulso para o supra-sensível; *v*) ou construir a humanidade tão-somente pela doação dos objetos externos. Portanto, prossegue ele, “nem eudemonismo, nem fatalismo, nem idealismo, nem ceticismo, nem materialismo, nem empirismo” seriam úteis ao poeta ³⁰. A ele, restaria apenas uma filosofia que o levasse a produzir na mais plena “liberdade”, e lhe permitisse ver o mundo como “obra de arte” do espírito humano. Uma filosofia adequada ao poeta entraria em sintonia com o sentimento e o senso comum [*Gemeinsinn*] e liberaria o impulso natural para o supra-sensível,

²⁹ *Athenäum*, 168 KA, II, p. 191.

³⁰ *Ibid.*, p. 191.

suprimindo limitações impostas ao pensamento. Por isso mesmo, a concepção filosófica que toma o real como doação de meras aparências de objetos não serviria ao poeta; pois, em esfera assim tão restrita, ele jamais alcançaria o reino prático das decisões subjetivas, paralisando-se sobre dados objetivos, como se estivesse diante de um ponto final.

Ao leitor atento não escapa a preocupação de Friedrich Schlegel em expressar-se sempre de maneira cuidadosa e prudente quando fala das relações entre filosofia e poesia. Em algumas passagens, ele parece, inclusive, exigir moderação de quem promove atabalhoadamente essa mistura. Em tom desaprovador afirma: “Há escritores que bebem o incondicionado como água; e livros em que até os cães se referem ao infinito”³¹. Dessas palavras se depreende que a filosofia não pode ser usada como uma espécie de repositório de nutrientes especiais do espírito – os conceitos metafísicos – que estariam sempre ali, à mão de quem quisesse deles se servir. Além disso, esse dito, pleno de ironia, sugere que condições extremamente especiais são certamente exigidas para que matérias tradicionais da filosofia pura possam converter-se em “sólida matéria para cultivo” (fragmento 116 do *Athenäum*). Talvez Friedrich Schlegel pense que a absorção da filosofia pela poesia deve estar *poeticamente* justificada, assim como a poesia só deve ser digna de entrar numa filosofia se estiver *filosoficamente* justificada.

³¹ *Lyceum*, 54 KA, II, p. 154.

Talvez em nenhum outro lugar, a ideia de unificação esteja tão inteiramente posta quanto naquilo que Friedrich Schlegel chamou de “sinfilosofia” e de “simpoesia”³². Em ambos esses conceitos projeta-se o ideal de uma combinação de talentos e formações individuais na produção uma obra que se assina como verdadeiramente coletiva. A proposta ousa questionar, no campo da filosofia e da poesia, o conceito de autoria estritamente individual, elevando ao valor máximo as obras constituídas em conjunto. Como se sabe, os fragmentos da revista *Athenäum* são “exemplos concretos de sinfilosofia”, precisamente por terem sido escritos por quatro autores (Friedrich e August Schlegel, Novalis e Schleiermacher)³³. No entanto, para o inventor dessas expressões tão singulares, o simples vínculo entre filósofos que não se opõem – a mera “simpatia” – ainda não basta para constituir uma sinfilosofia³⁴. Muito mais do que uma pacífica convivência de ideias e concepções individuais, esse ideal impõe uma vívida e profícua complementação recíproca de espíritos que se unem em prol de uma obra efetiva. Segundo Friedrich Schlegel, uma “época inteiramente nova” das ciências e das artes só poderia começar quando sinfilosofia e simpoesia tivessem se tornado “tão universais e tão interiores” que já não fossem mais apenas fenômenos raros.

³² *Lyceum* 112 KA, II, p. 161; *Athenäum* 112 e 125, KA, II, p. 181 e 125, respectivamente.

³³ Cf. Márcio Suzuki, op. cit., p. 178 (nota 1).

³⁴ *Athenäum* 112, KA, II, p. 181.

III

O esforço de Benedito Nunes em sistematizar as relações entre poesia e filosofia tem o mérito de manter o caráter geral dos contornos que delineiam as três grandes divisões que ele estabeleceu, e a riqueza das referências a autores e obras, presente na consideração de cada uma delas, só vem comprovar a abrangência adequada de sua interpretação. Do mesmo modo, é importante ressaltar que o tema das relações entre filosofia e poesia surge, em Friedrich Schlegel, no contexto de elaboração de um programa de caráter muito amplo e não da formulação de um problema filosófico específico. Por mais que o contexto de cada fragmento seja particular, cada um deles evoca, de maneira inevitável, o projeto romântico no horizonte. A proposta de unificação tem, portanto, do início ao fim, um caráter essencialmente programático, e tentar retirar dela uma teoria bem definida trairia sua letra e seu espírito.

As análises precedentes permitem reconhecer com clareza dois aspectos que Benedito Nunes atribuiu aos românticos: a visão de que os conceitos de gênio e de poesia universal progressiva são intrínsecos ao trabalho de união entre filosofia e poesia; e a noção de que o nexa entre filosofia e poesia se materializa num gênero misto de criação verbal que produz obras de mão dupla – poéticas, por um lado, e filosóficas, por outro. É evidente que obras híbridas jamais caberiam na relação dita disciplinar, uma vez que, nascidas de dupla fonte e contendo dupla rubrica, o sentido e o caráter de tais obras seriam perdidos em abordagens

hierárquicas unilaterais. Assim, Benedito Nunes, acertadamente, afasta os românticos da relação disciplinar.

Exatamente por isso, é preciso ter todo o cuidado com o significado da dita “inversão” que, segundo Benedito Nunes, levou os românticos a considerar a poesia como “superior” à filosofia (e à ciência), por seu poder de expressão de certa espécie de “verdade”³⁵. O que dificulta o entendimento disso está no seguinte: onde há superioridade, há hierarquia; e, se a poesia é superior à filosofia, então, a parceria muda de figura, e vem ofuscar as imagens de “confluência” ou de “imanência” do filosófico ao poético, que tão bem foram empregues por Benedito Nunes, para caracterizar a visão romântica. Além do mais, examinando alguns aspectos da relação que ele chamou de “transacional”, parece que a proposta de Friedrich Schlegel poderia ser nela também incluída. Tal inclusão se justificaria especialmente pelo fato de que, também nele, encontra-se o movimento pelo qual filosofia e poesia vão uma ao encontro da outra sem perder sua própria identidade, e sem que uma fique acima ou abaixo da outra, em posição de superioridade ou de inferioridade – e isso tem a ver com o fato de que elas não precisam estar em posição de disputa pela inteligência dos mesmos aspectos das experiências com a arte e com as obras. Outro ponto de acordo entre a proposta de Friedrich Schlegel e a relação transacional de Benedito Nunes está na concepção da linguagem como meio

³⁵ NUNES, Benedito. *Ensaio Filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 10.

através do qual poesia e filosofia se relacionam. Friedrich Schlegel parece partilhar inteiramente dessa ideia tanto ao defender a junção de poesia e prosa, quanto ao incluir a filologia, a retórica, a dialética, a “lógica” da ironia, e até mesmo a gramática da língua no projeto de unificação da filosofia com a poesia ³⁶. Finalmente, caberia também ao seu projeto, a figura de um filósofo que se faz poeta e que, enquanto poeta, profetiza.

A visão de que para os românticos a poesia é superior à filosofia parece nutrir-se da concepção geral segundo a qual à poesia é possível apreender os objetos ou conteúdos que, depois da *Crítica da Razão Pura*, de Kant, foram deslocados para o reino do suprassensível, e inviabilizados como objeto de conhecimento empírico científico. A isso vem juntar-se a visão de que, por meio de uma intuição intelectual que “forma os objetos no ato de concebê-los” ³⁷, a poesia pode habitar o reino do supra-sensível, e dar lugar a uma verdade superior que inclui os objetos da teologia racional, radicalmente inviabilizada por Kant. À poesia caberia, então, o poder de representar o em-si, o absoluto, o infinito, enfim, tudo aquilo que o idealismo de Kant mostrou escapar das estruturas cognitivas humanas. A adoção desse ponto de vista aparece logo no início do ensaio de Benedito Nunes, quando este se refere a dois movimentos simultâneos que marcaram as relações entre filosofia e poesia, no pensamento do século XVIII:

³⁶ Para citar apenas dois fragmentos: *Athenäum* 391 e 404, *KA*, II, p. 239 e 241, respectivamente.

³⁷ NUNES, Benedito. *Ensaaios Filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 8.

de um lado, “a impossibilidade da teologia racional”; e, de outro lado, “a possibilidade de traspasse do poético no teológico”³⁸. Sob esse prisma, não somente as relações entre filosofia e poesia passam a ser balizadas pela possibilidade ou impossibilidade que têm de referir-se a certos objetos ou conteúdos, como também ganha corpo a destinação da poesia a essa redenção vinculada à possibilidade de expressar toda experiência teológica possível. Superando os limites referenciais impostos à filosofia, o poder expressivo da poesia – a sua linguagem – funcionaria como captura discursiva do que se perdeu com o recorte epistemológico operado por Kant.

Ora, em Friedrich Schlegel, a presença da religião no pensamento das relações entre filosofia e poesia só se evidencia nas *Ideias*, onde a presença forte da religião opera como que um deslocamento de eixo no modo de conceber o entrelaçamento entre poesia e filosofia. Por essa razão, esses escritos são o lócus privilegiado para investigar o sentido de dizer que a superioridade da poesia vem da possibilidade do “traspasse ao teológico”.

Ao dizer que “onde cessa a filosofia, a poesia tem de começar”³⁹, Friedrich Schlegel de fato estabelece um limite para a filosofia e considera que a poesia pode principiar e avançar para além desse limite. Mas não se pode deixar de notar que no contexto específico em que essa afirmação é feita, a filosofia e a poesia ocupam posições distintas e sucessivas no

³⁸ Ibid., p. 2.

³⁹ *Ideen* 48 KA, II, p. 261.

processo de formação [*Bildung*] do artista. Pensando no desenvolvimento desse processo, ele afirma que um “modo de pensar”, que fosse “natural” apenas por opor-se à arte e à formação – a simples vida vivida num “reino da rudeza” – nem deveria existir. Isto é, não deveria existir de fato e, “menos ainda”, de direito no plano de consideração teórico da formação do artista. Nesse plano, o correto seria opor a filosofia não simplesmente a um modo de pensar natural rude, inculto ou incivil – que seria o mesmo que a “não-filosofia” – mas, opô-la à própria poesia. Ou seja, em vez de o limite da filosofia implicar a volta a um suposto estágio de barbárie, ele poderia significar a abertura para a poesia, isto é, para um reino no qual a mera oposição entre filosofia e não-filosofia já teria sido superada. Assim, a poesia *não faz parte da não-filosofia* e representa saída honrosa daquela oposição. Referindo-se implicitamente à cultura alemã de seu tempo, Friedrich Schlegel diz que enquanto “em nossa suprema poesia” encontra-se a “plenitude da formação”, é no filósofo que pode ser encontrada “a profundidade da humanidade”⁴⁰. Por aí se nota que, embora a poesia traga plenitude à formação [*Bildung*], talvez ela não possa ser alcançada sem o conhecimento da profundidade da humanidade, que é encontrado pela filosofia. Assim, realmente a poesia – ou talvez a arte em geral – ocupa o lugar supremo no processo de formação do artista; contudo, tal supremacia não chega a invalidar a ideia de uma *conformação* entre filosofia e poesia.

⁴⁰ *Ideen* 57 KA, II, p. 262.

Passando ao grupo de “ideias” que tratam da tríade filosofia, poesia e religião, pode-se dizer que há três aspectos distintos sob os quais ela é tratada: *i*) aquele no qual a religião está em um pólo e filosofia e poesia estão juntas, em outro; *ii*) aquele no qual filosofia e poesia aparecem como fatores da religião; *iii*) aquele no qual filosofia e poesia são equacionadas com religião e moral. À luz do primeiro aspecto, a religião é vista como uma espécie de fonte de onde “provém” o que faz da filosofia algo mais do que lógica e ciência, e o que torna a poesia “eternamente plena” e “infinita”⁴¹. Mas, de modo recíproco, também a filosofia e a poesia trazem benefícios para a religião, pois, “sem poesia”, a religião se torna “obscura, falsa e má”; e “sem filosofia” ela pode tornar-se “dissoluta em todas as impudicícias e voluptuosa até a autocastração”⁴². Isso indica uma colaboração mútua: se a religião pode ampliar a filosofia e eternizar a poesia, em compensação, a poesia pode trazer luz, clareza e verdade à religião, enquanto a filosofia pode garantir-lhe recato e densidade moral.

Sob o segundo aspecto, na qualidade de “fatores” da religião, poesia e filosofia são concebidas como caminhos que se unem na rota para a religião: “se vocês quiserem vincular efetivamente” poesia e filosofia – declara Friedrich Schlegel – “não obterão outra coisa que religião”⁴³. Seguindo essa mesma linha de pensamento, ele expressa a concepção da filosofia

⁴¹ *Ideen* 11 KA, II, p. 257.

⁴² *Ideen* 149 KA, II, p.271.

⁴³ *Ideen* 46 KA, II, p. 260-1.

como um “órgão” de procura e de descoberta da religião, e a poesia como sendo sua própria “fala”⁴⁴. O terceiro aspecto de consideração se apresenta pela inclusão da moral à tríade, por meio da qual Friedrich Schlegel então formula a seguinte equação: “o tanto de moral que se tem” nada mais é do que “o tanto que se tem de filosofia e poesia”⁴⁵. Seu intuito parece ser o de mostrar não só que a moral pertence tanto à filosofia quanto à poesia, como também o de indicar que em sua mais legítima manifestação, a moral pressupõe a união de ambas. Evitando, por outro lado, confundir moral com religião, ele dispõe, por fim, a seguinte igualdade: “religião e moral são simetricamente opostas, como poesia e filosofia”⁴⁶.

Por meio desse complicado jogo de relações pode-se notar que, no âmbito dos escritos que compõem as *Ideias*, tanto a filosofia quanto a poesia podem ter acesso à religião, mesmo que à poesia caiba sua genuína fala ou sua mais alta expressão. Tanto na poesia quanto na filosofia pode ocorrer o processo de “sair de si mesma, arrancar um pedaço da religião e voltar a si mesma, apropriando-se dele”⁴⁷; e tanto o filósofo quanto o poeta passam pela experiência íntima da religião: a “devoção” dos filósofos (Espinosa representa o ideal), é entendida como “intuição pura do divino” acompanhada de calma, lucidez e serena solidão; ao passo que o “estado religioso” do poeta é “mais apaixonado e

⁴⁴ *Ideen* 34 KA, II, p. 259.

⁴⁵ *Ideen* 62 KA, II, p. 252.

⁴⁶ *Ideen* 67 KA, II, p. 262.

⁴⁷ *Ideen* 25 KA, II, p. 258.

comunicativo”⁴⁸. Independentemente de maiores aprofundamentos, importa apenas salientar que aquele “impulso ao suprassensível” que, como se viu, deveria ser preservado pelo “idealismo crítico”, agora, no contexto de escritura das *Ideias*, parece ceder o lugar a uma nova forma, senão de conceber, pelo menos de explicitar, a filosofia: “A filosofia é uma elipse. Um dos centros, do qual estamos mais próximos, é a autolegislação da razão. O outro é a ideia do universo, e neste a filosofia entra em contato com a religião”⁴⁹. Tomando como base textual somente os fragmentos publicados em vida por Friedrich Schlegel, pode-se concluir que o projeto de unir filosofia e poesia combina aspectos tanto da relação supradisciplinar quanto da transacional, que foram apresentadas por Benedito Nunes. E também que somente nos escritos componentes das *Ideias*, a união entre filosofia e poesia passa pela diretriz da religião. A nosso ver, os fragmentos publicados entre 1797 e 1798 consistem na expressão robusta do projeto romântico mais original de Friedrich Schlegel. Além de representarem a fase mais esplendorosa de seu pensamento, são os que mais podem servir de auxílio na formulação dos problemas ligados às discussões contemporâneas dos limites da linguagem filosófica na expressão da nossa racionalidade.

⁴⁸ *Ideen* 137 KA, II, p. 270.

⁴⁹ *Ideias* 117. Sobre a concepção elíptica de filosofia em Schlegel: “O filósofo e a vida”, de Márcio Suzuki. In: *O gênio romântico*. p. 99- 138.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NUNES, Benedito. *Ensaaios filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PRADO JR., Bento. *Erro, ilusão, loucura*. São Paulo: Editora 34, 2004.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Edição brasileira dos fragmentos publicados em vida por Friedrich Schlegel. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. *Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe*. Edição crítica das obras de F. Schlegel, editadas por Ernst Behler. Paderborn/Munique/Viena: Ferdinand Schöningh, 1967. V.2

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Friedrich Schlegel e Novalis: poesia e filosofia. In: *O local da diferença. Ensaaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. Onde começa a poesia. In: *O local da diferença. Ensaaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1998.